

## **MITOS E ESTÓRIAS OFAYÉ: PONTO DE PARTIDA PARA O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LEITURA E ESCRITA.**

Adriana Viana Postigo PG-UFMS/CPTL/FUNDECT  
[viana.postigo@gmail.com](mailto:viana.postigo@gmail.com)

Denise Silva PG-UFMS/CPTL/FUNDECT  
[denisemiranda83@yahoo.com.br](mailto:denisemiranda83@yahoo.com.br)

**Resumo:** A proposta dessa comunicação é apresentar uma reflexão sobre o projeto de extensão desenvolvido pela UFMS/CPTL junto ao grupo indígena Ofayé, de Brasilândia, Mato Grosso do Sul, com população de aproximadamente 50 indivíduos, sendo considerado um grupo em perigo de extinção. As aulas na escola são ministradas em língua portuguesa, há pouco tempo foi inserido no currículo o ensino da língua ofayé, que vem sendo ministrada por uma das falantes da língua materna. O projeto propõe discutir, em conjunto com os professores e alunos questões relacionadas à leitura e escrita tanto do português quanto da língua étnica, dos mitos e estórias contadas pelos índios mais antigos. Estudar a língua e as questões culturais será uma forma de ajudá-los a vencer, o que D'Angelis (2003) aponta como preconceito contra a própria cultura.

**Palavras-chave:** Educação escolar indígena, línguas indígenas, povo ofayé.

### **INTRODUÇÃO**

Esta apresentação, desenvolvida a partir do projeto de extensão: “Apoio pedagógico na busca da inclusão: ações colaborativas entre a universidade e escolas de educação infantil e ensino fundamental”, sob a coordenação da Profª Drª Neusa Maria Marques de Souza, expõe a ação nº 08 “Formação de professores na aldeia ofayé”, sob responsabilidade do Prof Dr Rogério Vicente Ferreira, que vem sendo desenvolvido em parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Secretaria Municipal de Educação de Brasilândia e a comunidade indígena ofaié.

O projeto está em fase de implantação e implementação. As primeiras visitas já ocorreram e tiveram, nesse momento, o objetivo de “reconhecimento de área” e verificação do aceite, por parte da comunidade ofayé, da nossa presença enquanto pesquisadores, durante a coleta de dados que subsidiarão a “feitura” de material que possa contribuir tanto para o registro da língua quanto para o processo de ensino-aprendizagem dessa língua aos remanescentes deste povo, uma vez que, com exceção de duas pessoas do grupo, a comunidade não é falante de sua língua materna. Assim, nesta comunicação serão abordados alguns aspectos relevantes sobre o povo, língua, rotina escolar e atividades programadas pelo projeto.

## **1 Povo, Língua e Escola Ofayé**

O povo desta etnia vive em uma reserva indígena pertencente ao município de Brasilândia-MS. O local foi estabelecido pela Companhia Energética de São Paulo (CESP), a guisa de indenização, em virtude da inundação de áreas indígenas ancestrais, por ocasião da Usina Hidrelétrica de Porto Primavera. O convênio firmado com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) possibilitou a construção, em alvenaria, de escola, posto de atendimento médico-dentário, centro comunitário e 18 residências. A aldeia possui características urbanas, com ruas sem pavimentação, energia elétrica, água encanada, posto de saúde, escola, campo de futebol e telefone público. A maioria dos moradores da comunidade possui televisão, alguns eletrodomésticos, veículos para a locomoção, como, por exemplo, bicicletas, motos e carros.

Os estudos mais relevantes sobre a etnia ofaié foram realizados por Gudschinsky (1971) e Dutra (1994). Estudos sobre a língua deste povo são encontrados em Guedes (1990) e Silva (2002). Na classificação de Rodrigues (1994) a língua ofaié não apresenta características semelhantes com outras línguas do tronco Macro-Jê, sendo classificada, então, como família ofaié, mas segundo seus cognatos, Rodrigues a inseriu ao tronco lingüístico Macro-Jê. Nimuendajú (1993) reconhece que apesar do pouco conhecimento para entender os mitos ofaié quando

contados, após algum tempo conseguiu captar algo, recolhendo diversos mitos e lendas que lhes foi narrado.

Conforme supracitado, existe uma escola, denominada Escola Municipal Ofayé Iniecheki, criada em 1997. A escola possui duas salas de aula, uma de professores, dois banheiros, uma cozinha com dispensa e um pátio coberto.

O currículo das séries iniciais do ensino fundamental contempla a base nacional comum e ainda alfabetização na língua materna e valorização da cultura. A escola oferece as séries iniciais do ensino fundamental em regime multisseriado (9 alunos), sendo as aulas ministradas por uma professora não-índia. Os alunos cursam as séries finais do ensino fundamental na escola urbana do município (13 alunos). Todos os alunos freqüentam as aulas de língua materna, ministradas por professora índia na escola da aldeia.

Em 2006 o Ministério Público Federal, representado pelo procurador da República em Três Lagoas-MS, propôs ação civil pública contra a União, estado de Mato Grosso do Sul e Município de Brasilândia, pedindo a conversão da escola municipal Ofayé Iniecheki em uma escola indígena e a documentação escrita da língua, para garantir à comunidade um ensino com características específicas que valorizem língua, cultura e identidade.

### **Projeto de Extensão**

A proposta do projeto de extensão “Apoio pedagógico na busca da inclusão: ações colaborativas entre a universidade e escolas de educação infantil e ensino fundamental” pauta-se em ações colaborativas com as escolas municipais (urbanas, indígenas e rurais), visando criar espaços coletivos de estudos, reflexão, discussão e apoio pedagógico ao corpo docente escolar. As ações desenvolvidas têm como eixo central à busca da inclusão e a superação da dicotomia entre teoria e prática pedagógica, como forma de melhor compreender a ação educativa.

A ação nº8 “Formação de professores na aldeia Ofayé” tem o objetivo de coletar os mitos e estórias ofayé, junto a comunidade. A necessidade de trabalho com a coleta de estórias e mitos indígenas tem sido enfatizada por pesquisadores,

órgãos do governo federal e pela própria comunidade indígena. “Os alunos precisam aprender a contar histórias e mitos de sua cultura, a pesquisar e registrar usos e costumes de cada grupo indígena e a divulgar os conhecimentos adquiridos através dessas pesquisas. Desse modo, eles estarão valorizando a língua e a cultura indígena” (Parecer da professora Maria Inês de Freitas, Kaigang, RS, extraído do RCNEI, p.152.).

Desta forma, a coleta será feita pelos alunos da escola, utilizando a seguinte metodologia:

1. O falante convidado (previamente), contará pequenas estórias referentes a cultura ofayé na língua materna. As estórias serão gravadas, transcritas e impressas na língua ofayé e posteriormente, serão utilizadas como recurso didático nas aulas de língua materna
2. Após ouvir as estórias, os alunos irão recontá-las, ilustrar e/ou dramatizá-las
3. Uma vez transcritas as estórias, em ofayé, selecionar-se-ão as ilustrações que melhor representarem a história para a confecção de uma primeira coletânea de textos que servirá de apoio para a confecção de material mais sistematizado e organizado pra ser utilizado em atividades de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita em ambiente escolar. Ponto alto do projeto.

Além do trabalho com os alunos, temos a preocupação em oferecer suporte lingüístico/pedagógico para a professora que ministra as aulas de língua materna, uma vez que, apesar de dominar a língua materna, não possui formação em cursos de formação de professores.

BUTLER (2001, p.6), aponta que,

Existe a percepção de que professores nativos, que falam a língua indígena, possuem automaticamente, mesmo que sem instrução, a capacidade de ler e escrever o idioma, se já sabem ler e escrever em português. Isso está longe de ser verdade! O fator crítico, não entendido, é que no idioma há distinções fonológicas e gramaticais sem paralelo em português. Estas diferenças, tão automáticas no falar do idioma, apresentam dificuldades na escrita porque não combinam com a estrutura

de português, o único modelo estudado e que serve como ponto de referência. Não é simplesmente uma questão de aplicar a escrita do português à escrita do idioma para produzir uma escrita correta e uniforme. Um conhecimento consciente, sobre as diferenças fonológicas e gramaticais e também dos padrões silábicos, é adquirido através do estudo. Sem este conhecimento, os professores indígenas só podem usar maneiras comuns à escrita e à estrutura de português para escrever o idioma indígena; um ato comparável ao ato de forçar um objeto quadrado no espaço de um objeto de formato redondo. Não dá.

Conforme colocado desde o início, este trabalho faz parte de projeto em fase de implantação e implementação, portanto, ainda não se tem resultados, nem parciais, a serem compartilhados. Entretanto, pode-se inferir, pelo conteúdo do projeto e pelos primeiros contatos com a comunidade, que tem um cunho social inclusivo de uma minoria étnica esquecida em um ponto mínimo do território de um dos estados brasileiros que se “orgulha” da população indígena que possui. Não se trata, porém, apenas de um “grito de socorro” para esse povo, mas de contribuir para que se despertem do sono que lhes impuseram e (re)signifiquem sua raça, cultura, língua e identidade. O desafio está lançado e esperamos alcançar os objetivos propostos, realizar as metas, metodologias e “feitura” do material para o ensino da leitura e da escrita em língua materna e portuguesa com o mesmo entusiasmo que nos encontramos hoje.

## REFERÊNCIAS

- BUTLER, Nancy E. Um bom começo basta? *ANAIIS: 13º COLE*. Campinas, 2001.
- CABRAL, Paulo Eduardo. *Educação escolar indígena em Mato Grosso do Sul: algumas reflexões*. Campo Grande-MS: SED, 2002.
- DUTRA, Carlos. *Ofaié: morte e vida de um povo*. Campo Grande: Instituto Historio e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1994.
- GUDSCHINSKY, Sarah C. Ofaié-Xavante, a Jê language. *Estudos sobre línguas e culturas indígenas: 1-16*. Brasília: SIL, 1971.
- GUEDES, Marymarcia. Ofayé: uma língua tonal? In: *Anais do 1º Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul (CEL-SUL)*, vol.1:250-255. Florianópolis: UFSC, 1990.
- MARTINS, Gilson Rodolfo. *Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2002.

- NIMUENDAJÚ, Curt. *Etnografia e indigenismo*. Sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os Índios do Pará. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.
- RODRIGUES, Aryon. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Ed. Loyola, 1994.
- SILVA, Lucia H. T. da. Descrição fonológica do sistema vocálico da língua Ofayé. InterAtividade. *Revista Multidisciplinar de Pesquisa e Estudos Acadêmicos* 2/1:100-114. Andradina: Faculdades Integradas Rui Barbosa, 2002.